

MAX HASTINGS

AUTOR DE *INFERNO* — O MUNDO EM GUERRA: 1939-1945

intrínseca

CATÁSTROFE

1914: A EUROPA VAI À GUERRA



CATÁSTROFE

MAX HASTINGS

CATÁSTROFE

1914: A EUROPA VAI À GUERRA

TRADUTOR: BERILO VARGAS



Copyright © Max Hastings, 2013

TÍTULO ORIGINAL

Catastrophe: Europe Goes to War 1914

PREPARAÇÃO

Lilian Falcão

REVISÃO

Marcela Lima

Shirley Lima

REVISÃO TÉCNICA

Joubert Brizida

DIAGRAMAÇÃO

ô de casa

DESIGN DE CAPA

Jason Booher

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira

Verso da capa: "Punts no Tâmis, Henley no Tâmis, Oxfordshire, 1897", de Burton Holmes (Burton Holmes Historical Collection); verso da contracapa: Corpos de soldados alemães após a Batalha do Marne (Roger-Viollet/Topfoto).

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H285c

Hastings, Max.

Catástrofe - 1914: a Europa vai à guerra / Max Hastings; tradução Berilo Vargas. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

672 p.: il. ; 23 cm.

Tradução de: Catastrophe: Europe Goes to War 1914

ISBN 978-85-8057-505-7

1. Guerra Mundial, 1914-1918. I. Título.

14-10262

CDD: 940.3

CDU: 94(100)'1914/1918'

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para
PENNY,
que é quem trabalha de verdade

Sumário

	Lista de imagens	9
	Lista de mapas	13
	Introdução	17
	Cronologia de 1914	23
	A organização dos exércitos em 1914	25
	Prólogo: Sarajevo	27
1	“A sensação de que algo paira no ar”	39
	1 MUDANÇA E DECADÊNCIA	39
	2 PLANOS DE BATALHA	63
2	A descida para a guerra	80
	1 OS AUSTRIÁCOS AMEAÇAM	80
	2 OS RUSSOS REAGEM	93
	3 OS ALEMÃES MARCHAM	113
	4 OS BRITÂNICOS DECIDEM	123
3	“O magnífico espetáculo do mundo explodindo em chamas”	142
	1 MIGRAÇÕES	142
	2 PAIXÕES	149
	3 PARTIDAS	166
4	Desastre no Drina	178
5	Morte com bandeiras e clarins	199
	1 A EXECUÇÃO DO PLANO XVII	199
	2 “BESTIALIDADE ALEMÃ”	227
	3 LANREZAC SE ENCONTRA COM SCHLIEFFEN	234
6	Os britânicos lutam	240
	1 MONS	240
	2 LE CATEAU: “NÃO SEI ONDE ESTÁ A GRAÇA”	260
7	A retirada	280
8	Tannenberg: “Que lástima, quantos milhares jazem lá sangrando!”	300

9	A hora de Joffre	327
	1 PARIS EM DIFICULDADES	327
	2 SIR JOHN SE DESESPERA	331
	3 SEMENTES DE ESPERANÇA	339
10	A nêmesis de Moltke	355
	1 O MARNE	355
	2 “IMPASSE A NOSSO FAVOR”	384
11	“Coitados, lutaram por seus navios como homens”	398
12	Três exércitos na Polônia	429
13	“Você já dançou com ele?”	454
	1 FRONTS DOMÉSTICOS	454
	2 NOTÍCIAS E ABUSO	477
14	Território aberto, céu aberto	485
	1 A AVENTURA DE CHURCHILL	485
	2 “INVENÇÕES DO DIABO”	498
15	Ypres: “Algo completamente perdido”	506
16	“A guerra transforma-se no flagelo da humanidade”	541
	1 POLÔNIA	541
	2 O ÚLTIMO TRIUNFO DOS SÉRVIOS	553
17	Vida na lama	559
18	Noite feliz, noite feliz	585
	Agradecimentos	609
	Notas e referências	611
	Bibliografia	637
	Índice	647

Lista de imagens

Imagens das campanhas de 1914 são raras. Muitas vezes, as fotos que supostamente retratam momentos de combate são encenadas ou falsas, e muitas das legendas da época são intencional ou acidentalmente imprecisas. Tendo em vista essa realidade, as fotos contidas neste livro foram selecionadas a fim de conferir a impressão mais vívida possível de como eram os campos de batalha, ainda que poucas possam estar devidamente situadas ou datadas e algumas sejam anteriores à guerra.

Cáiser Wilhelm II (Popperfoto/Getty Images)

Poincaré e o czar, São Petersburgo, julho de 1914 (© Interfoto/Alamy)

Asquith e Lloyd George (Coleção particular)

Pasic (Imagno/Getty Images); Berchtold (akg/Imagno); Sazonov (© RA/Lebrecht Music & Arts); Grey (Hulton Archive/Getty Images); Churchill (Hulton Archive/Getty Images); Bethmann Hollweg (DPA/Press Association Images)

Russos buscam assistência divina (Mirrorpix)

Moltke (The Granger Collection/Topfoto); Ludendorff (Hulton Archive/Getty Images); Hindenburg (Hulton Archive/Getty Images); Kitchener (Hulton Archive/Getty Images); Lanrezac (Mary Evans/Epic/Tallandier)

Conrad (© Ullsteinbild/Topfoto); Joffre (© Roger Viollet/Topfoto); French (© Roger Viollet/Topfoto); Haig (© Roger Viollet/Topfoto); Falkenhayn (Hulton Archive/Getty Images); Franchet d'Espèrey (DeAgostini/Getty Images)

Russos na Galícia (Mirrorpix)

Soldados sérvios avançam (© Robert Hunt Library/Mary Evans)

Putnik (© The Art Archive/Alamy)

Potiorek (Getty Images)

Cabo Egon Kisch (© IMAGNO/Lebrecht)

Soldados austríacos realizam execução em massa de civis sérvios (© Robert Hunt Library/Mary Evans)

Canhão de cerco austríaco (Photo12/Ann Ronan Picture Library)

Kluck (akg-images)

Bülow (© INTERFOTO/Alamy)

Soldados franceses, antes da guerra (© Roger-Viollet/Topfoto)

- Belgas em ação (Underwood Archives/Getty Images)
- Os lendários canhões *soixante-quinze* franceses (Roger-Viollet/Rex Features)
- Smith-Dorrien (Mirrorpix)
- Wilson, Foch e Hugué (Hulton Archive/Getty Images)
- Murray (Universal History Archive/ UIG/ The Bridgeman Art Library)
- Os alemães avançam (RA/Lebrecht Music & Arts)
- Franceses exibem espírito ofensivo (Mirrorpix)
- Cavalaria austro-húngara na Galícia (© Robert Hunt Library/Mary Evans)
- Os britânicos se desdobram no campo de batalha pela primeira vez (© IWM (Q 53319))
- Soldados britânicos esperam o inimigo
- Samsonov (DeAgostini/Getty Images)
- Russos sob ataque
- Prisioneiros russos após Tannenberg (© Robert Hunt Library/Mary Evans)
- Rennenkampf (RIA Novosti)
- Quadro de Fortunino Matania representando a atividade da Bateria L em Néry (© David Cohen Fine Art/Mary Evans Picture Library)
- Homens do Middlesex sob fogo (R.C. Money. LC GS 1126. Reproduzido com permissão de Leeds University Library)
- Moça de Suffolk no controle de um bonde em Lowestoft (© IWM (Q 31032))
- Soldados russos em um bivaque (David King Collection)
- Hospital de campanha russo (David King Collection)
- Frente Ocidental, inverno de 1914 (© SZ Photo/Scherl/The Bridgeman Art Library)
- Dorothie Feilding (coleções do Warwickshire County Record Office: CR2017/F246/326); Edouard Cœurdevey (Arquivos pessoais de Jean Cœurdevey); Jacques Rivière (Todos os direitos reservados. Coleção particular); Richard Hentsch (bpk/Studio Niermann/Emil Bieber); Paul Lintier (*De Avec une batterie de 75. Le Tube 1233. Souvenirs d'un chef de pièce (1915-1916)* por Paul Lintier, Paris, 1917); Vladimir Littauer (*De Russian Hussar* por Vladimir S. Littauer, J.A. Allen & Co., Londres, 1965); Constantin Schneider (Constantin Schneider als Oberleutnant; Foto: Privatbesitz; Reproduktion: Salzburger Landesarchiv; aus: Veröffentlichungen der Kommission für Neuere Geschichte Österreichs, Bd. 95, Wien [u.a.] Böhlau, 2003); Lionel Tennyson (Tennyson Research Centre, Lincolnshire County Council); Venetia Stanley (© Illustrated London News Ltd/Mary Evans); Louis Spears (Patrick Aylmer); Helene Schweida e Wilhelm Kaisen (Arquivo Estadual de Bremen); Louis

Barthas (De *Les Carnets de guerre de Louis Barthas, tonnelier, 1914-1918*
© Editions de la Découverte. Paris); François Mayer (© IWM Q 111149)
Família escapa de um campo de batalha (Mirrorpix)
Soldados britânicos na Bélgica, inverno de 1914 (K.W. Brewster/The Liddle
Collection/Leeds University Library. Photograph LC GS 0195)

Todos os esforços foram feitos a fim de identificar os detentores dos direitos de todas as fotografias, mas em alguns casos isso não foi possível. O autor e a editora agradecem por qualquer informação que permita a retificação dessas omissões em edições futuras.

Lista de mapas

Nota do autor: os movimentos dos vastos exércitos em 1914 foram tão complexos que é impossível mostrá-los em detalhes, cartograficamente. Nestes mapas, esforcei-me pela clareza, em benefício dos leitores não especializados, omitindo, por exemplo, números de divisões, exceto quando indispensáveis. Baseei-me, de modo geral, nos mapas de *A Military Atlas of the First World War* (Atlas Militar da Primeira Guerra Mundial), de Arthur Banks (Heinemann, 1975).

Concentrações rivais na Frente Ocidental, agosto de 1914	170
Sérvia, 1914	184
Batalhas de fronteiras na Lorena, 10-28 de agosto de 1914	213
O avanço alemão pela Bélgica, agosto de 1914	236-7
A Batalha de Mons, 23 de agosto de 1914	248
Os britânicos em Le Cateau, 26 de agosto de 1914	273
A retirada dos Aliados, 23 de agosto-6 de setembro de 1914	285
Panorama da Frente Oriental	303
O avanço russo na Prússia Oriental	308
A Batalha de Tannenberg, 24-29 de agosto de 1914: a situação antes da batalha	319
A Batalha de Tannenberg: o último ato	321
Avanço alemão, 17 de agosto-5 de setembro de 1914	340
A Batalha do Marne, 5-6 de setembro de 1914	359
A Batalha do Marne, 7-8 de setembro de 1914	365
A Batalha do Marne, 9 de setembro de 1914	375
Os exércitos alemães em retirada para o Aisne	386
O teatro da Galícia	433

A retirada dos Aliados para a posição Yser-Lys, 9-15 de outubro de 1914	496-7
A Primeira Batalha de Ypres: os primeiros movimentos	513
A Primeira Batalha de Ypres: posições finais	535
Posições aproximadas nas frentes Oriental e Occidental, dezembro de 1914	588

Como comandante da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército britânico em 1910, o general-brigadeiro Henry Wilson falava da probabilidade de uma guerra europeia, afirmando que a única opção prudente para a Grã-Bretanha seria aliar-se à França contra os alemães. Um aluno teve a audácia de discordar, dizendo que só “a inconcebível estupidez dos estadistas” poderia provocar uma conflagração geral. Wilson respondeu com escárnio: “Rá, rá, rá!!! Inconcebível estupidez é exatamente o que teremos.”¹

“Estamos nos preparando para entrar num longo túnel repleto de sangue e escuridão.”² ANDRÉ GIDE, 28 de julho de 1914

Um funcionário do Ministério do Exterior russo disse, em tom de provocação, para o adido militar britânico em 16 de agosto: “Vocês, soldados, devem estar muito satisfeitos com a bela guerra que lhes arranjamos.” O britânico respondeu: “Precisamos esperar para ver se será mesmo uma guerra tão boa assim.”³

Introdução

Winston Churchill escreveria mais tarde: “Nenhuma parte da Grande Guerra é tão interessante como o começo. A concentração calculada, silenciosa, de forças gigantescas, a incerteza sobre seus movimentos e suas posições, o número de fatos desconhecidos e impossíveis de conhecer fizeram da primeira colisão um drama jamais superado. Também não houve nenhum outro período da guerra em que a batalha geral fosse travada em tão grande escala, em que a matança fosse tão rápida, ou os riscos, tão elevados. Além disso, no início, nossa capacidade de espanto, horror e comoção ainda não tinha sido cauterizada e amortecida pela fornalha dos anos.”¹ Foi exatamente assim, mas poucos companheiros de Churchill e participantes daqueles vastos eventos os aceitaram com apetite tão ardoroso.

Em nosso século XXI, a visão popular da guerra é dominada por imagens de trincheiras, lama, cercas de arame farpado e poetas. É opinião corrente que o primeiro dia da Batalha do Somme, de 1916, foi o mais sangrento de todo o conflito. Mas não é bem assim. Em agosto de 1914, o exército francês, avançando num dia de sol brilhante por uma imaculada paisagem bucólica, em massas compactas trajando sobretudos azuis e calças vermelhas, sob o comando de oficiais a cavalo, com estandartes desfraldados e bandas tocando, travou batalhas bem diferentes das que viriam depois, e a um custo diário ainda mais terrível. Embora as perdas francesas sejam objeto de controvérsia, as melhores estimativas sugerem um número que supera em muito um milhão de baixas* nos cinco meses de guerra em 1914, incluindo 329 mil mortos. Numa companhia que entrou em sua primeira batalha com 82 homens, restaram apenas três vivos e ileso no fim de agosto.

Os alemães sofreram oitocentas mil baixas no mesmo período, com três vezes mais mortos do que durante toda a Guerra Franco-Prussiana. Isso também representava uma proporção de baixas maior do que em qualquer período posterior da guerra. Os britânicos travaram dois combates em agosto, em Mons e Le Cateau, que entraram para a mitologia nacional. Em outubro, sua pequena força foi lançada no pesadelo da Primeira Batalha de Ypres, que durou três semanas. A frente de combate foi mantida com dificuldade, com uma contribuição francesa e belga maior do que os chauvinistas reconhe-

* O termo “baixa” significa soldado morto, desaparecido em ação, ferido ou capturado.

ciam, mas boa parte do velho Exército britânico repousa para sempre nos cemitérios da região: em 1914, morreram quatro vezes mais soldados do rei do que durante os três anos da Guerra dos Bôeres. Enquanto isso, no leste, poucas semanas depois de abandonar lavouras, lojas e tornos mecânicos, soldados russos, austríacos e alemães recém-mobilizados travaram imensos confrontos; a minúscula Sérvia infligiu aos austríacos uma série de derrotas que deixou zozno o império dos Habsburgos, tendo este, até o Natal, sofrido 1,27 milhão de baixas pelas mãos de sérvios e russos, o equivalente a um em cada três soldados mobilizados.

Muitos livros sobre 1914 se limitam a descrever a convulsão política e diplomática da qual fluíram os exércitos em agosto, ou a oferecer uma narrativa militar. Tentei juntar esses fios, dar aos leitores pelo menos algumas respostas à enorme pergunta: “O que aconteceu na Europa em 1914?” Os primeiros capítulos descrevem como a guerra começou. Depois acompanho a trajetória do que veio em seguida nos campos de batalha e em seus bastidores, até o momento em que, com a chegada do inverno, a luta chegou a um impasse, adquirindo a característica militar que se manteria, em grande medida, até a última fase, em 1918. O Natal de 1914 é um ponto arbitrário de encerramento; porém, eu recorreria mais uma vez ao já citado comentário de Winston Churchill, chamando a atenção para o caráter singular da fase inicial do conflito, que justifica um exame isolado. No capítulo final, ofereço algumas reflexões mais amplas.

O começo tem sido descrito com justiça como a mais complexa série de acontecimentos da história, muito mais difícil de compreender e explicar do que a Revolução Russa, o início da Segunda Guerra Mundial ou a crise dos mísseis de Cuba. Essa parte da história é, inevitavelmente, a dos estadistas e dos generais que a legaram, de manobras rivais da Tríplice Aliança — Alemanha e Áustria-Hungria, com a Itália como membro não combatente — contra a Tríplice Entente — Rússia, França e Grã-Bretanha.

Na Grã-Bretanha de hoje, existe a crença generalizada de que a guerra foi tão horrenda que a validade das causas dos beligerantes quase não tem importância. Essa postura parece equivocada, ainda que não se concorde totalmente com a opinião de Cícero de que as causas dos acontecimentos são mais importantes do que os próprios acontecimentos. O sábio historiador Kenneth O. Morgan — nem conservador, nem revisionista — afirmou, numa palestra realizada em 1996 sobre a herança cultural dos dois desastres globais do século XX, que “a história da Primeira Guerra Mundial foi sequestrada pelos críticos nos anos 1920”. O mais destacado desses críticos foi Maynard Keynes, apaixonado simpatizante dos alemães, que criticou severamente a suposta injustiça e loucura do Tratado de Versalhes, assinado em 1919, sem

apresentar qualquer conjectura sobre que tipo de paz a Europa teria alcançado se fosse ditada por um *Kaiserreich* vitorioso e seus aliados. É notável, e absurdamente enfatizado, o contraste entre a aversão do povo britânico logo depois da Primeira Guerra Mundial e seu triunfalismo depois de 1945. Estou entre os que rejeitam a ideia de que o conflito de 1914-1918 pertence a uma ordem moral diferente daquele de 1939-1945. Tivesse a Grã-Bretanha cruzado os braços enquanto as Potências Centrais predominassem no continente, seus interesses estariam diretamente ameaçados por uma Alemanha cujo apetite para dominar, sem dúvida alguma, ficaria mais aguçado com a vitória.

John Aubrey, que manteve um diário no século XVII, escreveu: “Por volta de 1647, fui ver Parson Stump para matar a curiosidade de contemplar seus manuscritos, dos quais eu tinha visto um pouco quando menino; mas naquela altura estavam perdidos e dispersos; seus filhos eram artilheiros e soldados e limpavam suas armas com eles.” Todos os historiadores conhecem essa frustração, mas o fenômeno contrário também aflige os estudiosos de 1914: há uma abundância de material em muitas línguas, e boa parte é suspeita ou francamente corrompida. Quase todos os atores principais falsificaram, em graus variados, o registro do próprio desempenho; muito material de arquivo foi destruído, não só por descaso, mas, às vezes, por ser considerado nocivo à reputação de países ou indivíduos. A partir de 1919, os líderes da Alemanha, em busca de vantagem política, empenharam-se em produzir um registro que exonerasse seu país da culpa pela guerra, eliminando sistematicamente provas constrangedoras. Sérvios, russos e franceses fizeram o mesmo.

Além disso, pelo fato de tantos estadistas e soldados terem mudado várias vezes de opinião nos anos que precederam 1914, seus pronunciamentos públicos e privados podem ser usados a fim de fundamentar uma grande variedade de juízos possíveis sobre suas convicções e intenções. Um acadêmico certa vez definiu oceanografia como “uma atividade criadora realizada por indivíduos que procuram (...) satisfazer a própria curiosidade. Eles tentam descobrir padrões significativos nos dados de pesquisa, próprios e alheios, e, com muito mais frequência do que se poderia supor, a interpretação é francamente especulativa”.² O mesmo se aplica ao estudo da história em geral e à de 1914 em particular.

Debates acadêmicos sobre a responsabilidade pela guerra têm-se desenvolvido por décadas e com fases distintas. Uma opinião teve grande aceitação a partir dos anos 1920, influenciada pela crença de que o Tratado de Versalhes, de 1919, havia imposto condições desnecessariamente severas à Alemanha: a de que todas as potências europeias tinham culpa. Então a obra inspiradora de Luigi Albertini, *The Origins of the War of 1914* [As causas da guerra de 1914], apareceu na Itália em 1942 e na Grã-Bretanha em 1953, lançando os alicerces de muitos

estudos subsequentes, especialmente devido à sua ênfase na responsabilidade alemã. Em 1961, Fritz Fischer publicou outro livro revolucionário, *Germany's War Aims in the First World War* [Os objetivos bélicos da Alemanha na Primeira Guerra Mundial], sustentando que o *Kaiserreich* deveria arcar com o ônus da culpa, porque provas documentais mostravam a liderança do país empenhada em lançar uma guerra europeia antes que o desenvolvimento e o armamento acelerados da Rússia provocassem uma mudança sísmica de vantagens estratégicas.

De início, os compatriotas de Fischer reagiram indignados. Pertenciam a uma geração que aceitou, com relutância, a necessidade de assumir a responsabilidade pela Segunda Guerra Mundial; e ali estava Fischer insistindo para que seu próprio país arcasse também com o ônus da culpa pela Primeira. Era exigir demais, e seus colegas acadêmicos caíram em cima dele. Nunca houve na Grã-Bretanha ou nos Estados Unidos debate histórico do gênero que se iguasse à violência da “controvérsia de Fischer” na Alemanha. Porém, quando a poeira baixou, um notável consenso surgiu, admitindo que, com algumas sutis restrições, ele tinha razão.

Mas, nas três últimas décadas, diferentes aspectos de sua tese foram contestados com vigor por escritores dos dois lados do Atlântico. Entre as contribuições de maior peso, está a de Georges-Henri Soutou, na obra de 1989 *L'Or et le sang* [Ouro e sangue]. Soutou não investigou as causas do conflito, preferindo explorar os objetivos bélicos rivais dos Aliados e das Potências Centrais, demonstrando, de forma convincente, que os alemães, longe de entrarem no confronto com um plano coerente para dominar o mundo, foram inventando seus objetivos enquanto lutavam. Outros historiadores revolveram terreno mais contencioso. Sean McMeekin escreveu em 2011: “A guerra de 1914 foi uma guerra da Rússia, ainda mais do que da Alemanha.”³ Samuel Williamson declarou num seminário realizado em março de 2012 no Wilson Center, em Washington, que a teoria da explícita culpa alemã já não era defensável. Niall Ferguson atribuiu grande responsabilidade ao secretário do Exterior britânico, Sir Edward Grey. Christopher Clark afirmou que a Áustria tinha o direito de infligir represália militar pelo assassinato do arquiduque Franz Ferdinand à Sérvia, efetivamente um Estado delinquente. Enquanto isso, John Rohl, magistral historiador do cáiser e de sua corte, continuou inabalável na convicção de que havia “provas cruciais de intencionalidade por parte da Alemanha”.

No momento, não importa muito saber qual dessas teses é convincente ou não: basta dizer que não há o menor risco de que a controvérsia sobre 1914 venha a ser resolvida. Muitas interpretações alternativas são possíveis, todas elas especulativas. O começo do século XXI produziu uma quantidade excessiva de novas teorias e imaginosas reavaliações da crise de julho, mas

pouquíssimos documentos relevantes e conclusivos. Não há, e nunca haverá, uma interpretação “definitiva” do advento da guerra: cada escritor pode oferecer uma opinião pessoal. Por isso, enquanto apresento com a máxima clareza minhas conclusões, faço o melhor que posso para enumerar as provas contrárias, a fim de ajudar os leitores a tirarem as suas.

Testemunhas contemporâneas ficaram tão espantadas quanto seus descendentes do século XXI com a enormidade do que acontecera com a Europa em agosto de 1914 e durante os meses e anos subsequentes. O tenente Edward Louis Spears, oficial de ligação britânico no Quinto Exército francês, fez a seguinte reflexão, muito tempo depois: “Quando um transatlântico afunda, todos a bordo, sejam grandes ou pequenos, travam a mesma luta fútil, e mais ou menos durante o mesmo tempo, contra elementos tão avassaladores que qualquer diferença de vigor ou capacidade dos nadadores é insignificante se comparada às forças contra as quais são lançados, e que engolfará a todos, com intervalos de poucos minutos entre uns e outros.”⁴

Depois que os países se engalfinharam na luta, dei ênfase ao testemunho das pessoas humildes — soldados, marinheiros, civis — que se tornaram vítimas. Embora homens famosos e fatos conhecidos apareçam também, qualquer livro escrito um século depois deve aspirar à apresentação de novos convidados à festa, o que ajuda a explicar a atenção que dispensei às frentes sérvia e galiciana, pouco familiares aos leitores ocidentais.

Uma das dificuldades de descrever os vastos acontecimentos que se desenvolveram simultaneamente em campos de batalha separados por centenas de quilômetros é decidir como apresentá-los. Preferi tratar dos teatros de operações de forma sucessiva, aceitando algum dano à cronologia. Isso quer dizer que os leitores precisam lembrar, por exemplo, que Tannenberg foi travada ao mesmo tempo que os exércitos franceses e britânicos recuavam para o rio Marne. Mas parece que a coerência só tem a ganhar se evitarmos o vaivém de uma frente para outra. Como em alguns dos meus livros anteriores, esforcei-me para omitir minúcias militares, números de divisões e regimentos e coisas do gênero. A experiência humana é o que mais prontamente empolga a imaginação dos leitores do século XXI. Mas, para entender a evolução das campanhas do início da Primeira Guerra Mundial, é indispensável saber que todo comandante morria de medo de “ter seu flanco desbordado”, porque os limites externos e a retaguarda são o que um exército tem de mais vulnerável. Boa parte do que aconteceu no outono de 1914 com soldados na França, na Bélgica, na Galícia, na Prússia Oriental e na Sérvia resultou de esforços de generais para atacar um flanco aberto ou para não serem vítimas desse tipo de manobra.

Hew Strachan, no primeiro volume de sua magistral história da Primeira Guerra Mundial, trata de acontecimentos na África e no Pacífico para nos lem-

brar que aquela luta se tornara, de fato, global. Resolvi que uma tela semelhante arrebentaria a moldura da minha obra. Este é, portanto, um retrato da tragédia da Europa, e Deus sabe que essa tragédia foi suficientemente ampla e terrível. Em nome da clareza, tomei algumas liberdades estilísticas. São Petersburgo mudou de nome para Petrogrado em 19 de agosto de 1914, mas mantenho o velho — e moderno — nome o tempo todo. Cidadãos do império dos Habsburgos são chamados aqui geralmente de austríacos, e não, como seria mais apropriado, de austro-húngaros, salvo num contexto político. Depois da primeira menção de um indivíduo cujo nome completo inclui “von”, como Von Kluck, a partícula honorífica é omitida. Nomes de lugares são padronizados, de modo que, por exemplo, Mulhouse perde a designação alemã de Mülhausen.

Embora eu tenha escrito muitos livros sobre guerra, em especial sobre a Segunda Guerra Mundial, esta é a minha primeira obra longa sobre o conflito precursor. Meu envolvimento com esse período começou em 1963, quando, estudante imaturo a desfrutar meu “ano sabático” depois de concluir o ensino médio, trabalhei como pesquisador assistente em *The Great War*, a série épica de 26 episódios da BBC, com salário de 10 libras por semana, pelo menos 9 libras a mais do que eu valia. O programa contava entre seus redatores com gente como John Terraine, Correlli Barnett e Alistair Horne. Fiz entrevistas e me corripondi com muitos veteranos do conflito, então entrando na velhice, e explorei tanto a literatura publicada quanto documentos de arquivo. Encarei aquela experiência de juventude como uma das mais felizes e compensadoras de minha vida, e alguns dos frutos dos trabalhos que fiz em 1963-1964 acabaram sendo muito úteis para este livro.

Estudantes da minha geração devoraram ansiosamente *Canhões de agosto*, o best-seller de Barbara Tuchman publicado em 1962. Para mim, foi um choque ouvir, alguns anos depois, um historiador acadêmico fazer pouco-caso do livro por ser “incorrigivelmente não acadêmico”. Apesar disso, continua a ser um deslumbrante ensaio de história narrativa, que conta ainda com a desenvolta afeição de muitos admiradores, entre os quais me incluo, e nos quais contribuiu para instigar uma paixão pelo passado. Aqueles dias exercerão imorredouro fascínio sobre a humanidade: eles assistiram aos últimos e fatais arroubos da velha Europa coroadada e empenachada, seguidos pelo nascimento de um novo mundo terrível e armado.

MAX HASTINGS
Chilton Foliat, Berkshire
Junho de 2013

Cronologia de 1914

28 de junho	Arquiduque Franz Ferdinand é assassinado em Sarajevo
23 de julho	Áustria-Hungria entrega ultimato à Sérvia
28 de julho	Áustria-Hungria declara guerra à Sérvia
29 de julho	Austríacos bombardeiam Belgrado
31 de julho	Rússia se mobiliza,* Alemanha envia ultimatoss a Paris e São Petersburgo
1º de agosto	Alemanha e França se mobilizam
3 de agosto	Alemanha declara guerra à França
4 de agosto	Alemanha invade a Bélgica, Grã-Bretanha declara guerra à Alemanha
8 de agosto	Franceses ocupam brevemente Mulhouse, na Alsácia
13 de agosto	Austríacos invadem a Sérvia, franceses lançam grande investida contra Alsácia e Lorena
15 de agosto	Russos e austríacos se enfrentam pela primeira vez na Galícia
16 de agosto	Último forte de Liège sucumbe aos alemães
20 de agosto	Sérvios derrotam austríacos em monte Cer
20 de agosto	Bruxelas cai
20 de agosto	Franceses são repelidos em Morhange
20 de agosto	Alemães são derrotados em Gumbinnen, na Prússia Oriental
22 de agosto	França perde 27 mil homens, mortos num só dia das malogradas “Batalhas das Fronteiras”
21-23 de agosto	Batalha de Charleroi
23 de agosto	Força Expedicionária Britânica trava primeira batalha em Mons
24-29 de agosto	Batalha de Tannenberg
26 de agosto	Força Expedicionária Britânica combate em Le Cateau
28 de agosto	Batalha da Enseada de Heligolândia

* As datas de mobilização são confusas, porque em todos os casos medidas militares preliminares já tinham sido adotadas, e na maioria deles chefes de Estado assinaram os decretos formais depois que as tropas começaram a se deslocar.

29 de agosto	Batalha de Guise
2 de setembro	Fortaleza austríaca de Lemberg sucumbe aos russos
6 de setembro	França lança contraofensiva do Marne
7 de setembro	Austríacos retomam invasão da Sérvia
9 de setembro	Alemães começam retirada para o Aisne
9 de setembro	Batalha dos Lagos Masurianos
23 de setembro	Japão declara guerra à Alemanha
9 de outubro	Antuérpia sucumbe
10 de outubro	Fortaleza austríaca de Przemyśl se rende aos russos
12 de outubro	Campanha de Flandres começa, culminando na Primeira Batalha de Ypres, que dura três semanas
29 de outubro	Império Otomano entra na guerra ao lado das Potências Centrais
18-24 de novembro	Batalha de Łódź, terminando com a retirada alemã
2 de dezembro	Belgrado se rende
15 de dezembro	Exército austríaco na Galícia é forçado a recuar para os Cárpatos
17 de dezembro	Austríacos são expulsos mais uma vez da Sérvia

A organização dos exércitos em 1914

A estrutura de cada força beligerante e o efetivo de suas subunidades variavam muito, mas talvez valha a pena dar aos leitores esta indicação bastante grosseira:

Um EXÉRCITO pode ser composto por dois a cinco CORPOS (cada um deles geralmente comandado por um tenente-general). Um corpo compreende duas ou três DIVISÕES de infantaria (comandadas por majores-generais), cada uma com um efetivo de 15-20 mil homens — as divisões de cavalaria tinham em média um terço desse contingente —, mais unidades de apoio, de engenharia e de logística, e geralmente com alguma artilharia pesada. Uma divisão britânica podia consistir de três BRIGADAS (comandadas por um general-brigadeiro), todas com seus próprios canhões — conhecidos como artilharia de campanha —, idealmente na proporção de pelo menos uma bateria para cada batalhão de infantaria. Alguns exércitos continentais subordinavam regimentos de dois ou três batalhões diretamente ao comando divisionário. Uma brigada de infantaria britânica geralmente consistia de quatro BATALHÕES, inicialmente com cerca de mil homens cada um, comandados por tenentes-coronéis. Um batalhão tinha quatro COMPANHIAS de fuzileiros de duzentos homens, cada qual chefiada por um major ou capitão, juntamente com destacamentos de apoio — metralhadoras, transportes, suprimentos e coisas do gênero. Uma companhia tinha quatro PELOTÕES de fuzileiros comandados por tenentes, cada um com quarenta homens. Regimentos de cavalaria, com quatrocentos, até seiscentos homens cada, eram divididos em esquadrões e destacamentos. Todos esses efetivos dos quadros de dotação diminuíam rapidamente sob as pressões da batalha.

Prólogo

SARAJEVO

O melodrama peculiar ocorrido na Bósnia em 28 de junho de 1914 teve na história papel semelhante ao da ferroada de uma abelha num homem cronicamente enfermo que se enfurece e abandona o leito para dedicar o resto de seus dias a destruir a colmeia. Em vez de oferecer uma “causa” autêntica para a Primeira Guerra Mundial, o assassinato do arquiduque Franz Ferdinand da Áustria-Hungria foi explorado para justificar o desencadeamento de forças já atuantes. Não passa de uma trivial ironia da história o fato de um terrorista adolescente ter matado um homem que, único entre os líderes do império dos Habsburgos, provavelmente teria usado sua influência para tentar evitar um cataclismo. Mas os acontecimentos daquele tórrido dia em Sarajevo exercem sobre a posteridade um fascínio que precisa ser levado em conta por qualquer cronista de 1914.

Franz Ferdinand não era muito amado por ninguém, salvo pela mulher. Cinquentão corpulento, um dos setenta arquidukes do império dos Habsburgos, tornou-se herdeiro do trono após seu primo, o príncipe herdeiro Rudolf, matar a amante e suicidar-se em Mayerling, em 1889. O imperador Franz Joseph não aprovava o sobrinho; outros o consideravam um disciplinador arrogante e dogmático. A maior paixão de Franz Ferdinand era a caça: ele abateu cerca de 250 mil animais selvagens com a própria arma, antes de terminar seus dias nas mãos de Gavrilo Princip.

Em 1900, o arquiduque dedicou suas afeições a uma aristocrata da Boêmia, Sophie Chotek. Era uma mulher inteligente e segura de si: certa vez, durante manobras do exército, ela repreendeu os oficiais responsáveis pela má organização nas formações de marcha de seus homens. Mas a ausência de sangue real a desqualificava, aos olhos da corte imperial, para a função de imperatriz. O monarca insistiu que o matrimônio, quando relutantemente consentiu que se casassem, fossemorganático. Isso os colocou fora da esfera social da maior parte da presunçosa aristocracia da Áustria. Apesar de Ferdinand e Sophie serem muito felizes juntos, sua vida era prejudicada pelas pequenas humilhações infligidas a ela, em sua qualidade de apêndice plebeu da realeza. Franz Ferdinand batizou o caminho favorito dos dois em seu castelo de Konopiště na Boêmia como “*Oberer Kreuzweg*” — “as Últimas Estações da Via Sacra”.

Nas cerimônias da corte, o arquiduque vinha logo depois do imperador em precedência, mas sem a mulher: ele abominava o camareiro-mor, o príncipe Alfred de Montenuovo, que orquestrara insultos como esse.

Entretanto, a condição de Franz Ferdinand como possível herdeiro permitiu a ele e à sua mulher receberem generais, políticos e visitantes estrangeiros importantes. Em 13 de junho de 1914, o cáiser da Alemanha os visitou em Konopiště, em companhia do almirante de esquadra Alfred von Tirpitz, cultivador de rosas que queria muito ver as famosas bordaduras do castelo. Wilhelm II tinha uma tendência a provocar pequenos incidentes sociais: nessa ocasião, seus bassês, Wadl e Hexl, cometeram a desgraça de matar um dos faisões exóticos de Franz Ferdinand. O cáiser e o arquiduque parecem ter discutido trivialidades, em vez de política europeia ou balcânica.

No dia seguinte, domingo, o ministro do Exterior e político mais importante da Áustria, o conde Leopold Berchtold, visitou Konopiště com a mulher. Os Berchtolds eram fabulosamente ricos e aproveitavam ao máximo a vida elegante. Eram entusiásticos proprietários de cavalos de corrida, e naquela primavera uma de suas potranças ganhara o prestigioso Con Amore em Freudenau. Nandine, a condessa, era amiga de infância de Sophie Hohenburg. Os visitantes chegaram ao castelo para o café da manhã, passaram o dia olhando o jardim e as pinturas, áreas em que a condessa era considerada especialista, depois pegaram o trem noturno para Viena e nunca mais voltaram a encontrar seus anfitriões.

As opiniões políticas e sociais do arquiduque eram conservadoras e sempre expressas com grande vigor. Depois de assistir aos funerais de Edward VII em Londres, em 1910, ele escreveu para casa lamentando a rusticidade da maioria de seus colegas soberanos, bem como a suposta impertinência de alguns políticos presentes, dentre os quais se destacava o ex-presidente dos Estados Unidos Theodore Roosevelt. Por vezes é sugerido que Franz Ferdinand era um homem inteligente. Ainda que fosse, como tantos outros personagens reais dos tempos modernos, ele estava corrompido por sua posição, que lhe permitia manifestar opiniões retrógradas mesmo para os padrões da época.

Ele desprezava os húngaros e disse ao cáiser: “o magiar, tido como nobre, cavalheiresco, é o sujeito mais infame, antidinástico, mentiroso e desleal que existe.” Considerava os eslavos meridionais subumanos, referindo-se aos sérvios como “aqueles porcos”. Desejava ardentemente recuperar para o império dos Habsburgos a Lombardia e a Veneza, perdidas para a Itália já em sua época. Durante uma visita à Rússia em 1891, Franz Ferdinand declarou que sua autocracia era “um modelo admirável”. O czar Nicolau II horrorizava-se com os desatinos de Franz Ferdinand, especialmente em questões raciais. Tanto o arquiduque como a mulher eram muito católicos, com preferência

pelos jesuítas e declarada antipatia por maçons, judeus e liberais. O fervor religioso de Sophie era tão grande que em 1901 ela encabeçou uma marcha católica de duzentas mulheres elegantes em Viena.

Apesar de tudo, o arquiduque acalentava uma prudente convicção: enquanto muitos austríacos, incluindo o chefe do estado-maior do Exército, o general Conrad von Hötzendorf, detestavam a Rússia e não viam a hora de enfrentar o czar no campo de batalha, Franz Ferdinand pensava de outra forma. Dizia com frequência estar decidido a evitar um conflito armado. Desejoso de um “acordo de imperadores”, escreveu: “Jamais comandarei uma guerra contra a Rússia. Farei sacrifícios para evitá-la. Um confronto entre a Áustria e a Rússia terminaria com a queda dos Romanovs ou com a dos Habsburgos — ou talvez de ambos.” Certa vez escreveu para Berchtold: “Excelência! Não se deixe influenciar por Conrad — jamais! Nem uma vírgula de apoio a qualquer de seus latidos contra o imperador! Naturalmente ele quer todas as guerras possíveis, qualquer precipitação que conquiste a Sérvia e só Deus sabe o que mais. (...) Com a guerra, ele quer compensar a mixórdia que é, pelo menos em parte, culpa sua. Portanto, nada de bancarmos os guerreiros balcânicos. Não nos curvemos a seu vandalismo. Vamos guardar distância enquanto a escória dá golpes no crânio uns dos outros. Seria imperdoável, insano, iniciar qualquer coisa que nos jogasse contra a Rússia.”¹

Franz Ferdinand, apesar de tão propenso quanto o cáiser Wilhelm a explosões de retórica violenta, era um ator menos afobado. Se o arquiduque estivesse vivo à hora do confronto decisivo com a Rússia, provavelmente sua influência teria sido usada para evitar a guerra. Mas, como se sabe, estava morto, porque insistiu em fazer uma visita oficial a uma das regiões mais turbulentas e perigosas que o tio governava. Toda monarquia europeia acreditava que a posse de grandes territórios — de um império — era prova vital de virilidade e magnificência. Enquanto as colônias da Grã-Bretanha e da França ficavam distantes, do outro lado dos oceanos, as dos Habsburgos e dos Romanovs ficavam logo ali. Moedas húngaras traziam a abreviatura da inscrição: “Franz Joseph pela Graça de Deus Imperador da Áustria e da Hungria, Croácia, Eslavônia, Dalmácia, Rei Apostólico.” Em 1908, a Áustria-Hungria anexou a Bósnia e a Herzegovina, provocando a fúria russa. As províncias gêmeas, antigas possessões otomanas com populações mistas de sérvios e muçulmanos, eram ocupadas pela Áustria desde 1878, sob mandato concedido pelo Congresso de Berlim, mas a maioria dos bósnios se ressentia dessa subordinação.

Em 1913, um diplomata estrangeiro exclamou, em desespero, a respeito dos austro-húngaros: “Nunca vi gente tão determinada a agir contra os próprios interesses!”² Foi uma asneira extraordinária, para um império já

penando sob o peso de suas próprias contradições e das frustrações de minorias oprimidas, insistir teimosamente em tomar a Bósnia-Herzegovina. Mas ainda machucava Franz Joseph a humilhação de ter perdido seus domínios no norte da Itália logo depois de herdar o trono e a de ter sido derrotado militarmente pela Prússia em 1866. A aquisição de novas colônias nos Bálcãs parecia oferecer algum tipo de compensação, além de frustrar as ambições sérvias de incorporá-las num Estado pan-eslávico.

Levando em conta o febricitante estado de espírito nas províncias, foi imprudente anunciar o programa da visita de Franz Ferdinand à Bósnia já em março. Isso levou um dos muitos grupos de dissidentes violentos, os Jovens Bósnios, sociedade secreta de origens estudantis e camponesas, a aproveitar a oportunidade para matá-lo. Eles tomaram essa decisão talvez por iniciativa própria, talvez em nome de seus manipuladores em Belgrado: na ausência de prova concreta, qualquer das duas hipóteses é defensável. Um desses dissidentes era Gavrilo Princip, de dezenove anos. Como muitas figuras que desempenharam esse papel na história, Princip passou sua curta vida lutando para convencer as pessoas a superarem o instinto de ignorá-lo devido à sua pequena estatura e apagada personalidade. Em 1912, ele apresentou-se como voluntário para lutar pela Sérvia na Primeira Guerra dos Bálcãs, mas foi rejeitado por ser muito baixo. No primeiro interrogatório depois de alcançar notoriedade em junho de 1914, explicou-se dizendo: “Em todo lugar para onde eu fosse, as pessoas achavam que eu era um fracote.”

Em maio, Princip e outros dois conspiradores viajaram a Belgrado. A cidade era a capital de um país jovem e inconstante, que só conquistara plena independência do Império Otomano em 1903, uma monarquia constitucional que era o coração e a alma do movimento pan-eslávico. Princip conhecia bem a Sérvia, onde tinha vivido por dois anos. Os “Jovens Bósnios” receberam quatro pistolas automáticas Browning e seis bombas providenciadas pelo major Vojin Tankosić do *Ujedinjenje ili Smrt*, movimento terrorista que atendia pelo apelido de “Mão Negra”, derivado de sociedades secretas alemãs e italianas.

O grupo era comandado pelo chefe de inteligência militar coronel Dragutin Dimitrijević, de 36 anos, mais conhecido como “Ápis”, de Touro Ápis, o deus egípcio. Ele era a principal personalidade de uma das três facções envolvidas numa disputa pelo controle doméstico sérvio. Os outros dois elementos eram comandados, respectivamente, por Alexandre, o príncipe regente — que odiava o coronel, porque este não se curvava à família real —, e Nikola Pašić, o primeiro-ministro. Ápis era a própria imagem do fanático revolucionário: pálido, calvo, pesado, enigmático — como “um mongol gigante”, nas palavras de um diplomata. Jamais se casou, dedicando-se inteira-

mente ao movimento que se gabava de ter um ritual de iniciação encapuzado e um selo que exibia uma bandeira com uma caveira sobre dois ossos cruzados, um punhal, uma bomba e um frasco de veneno. Seu negócio era assassinar: ele se destacara num grupo de jovens oficiais do exército que conduziu o massacre do rei Alexandre da Sérvia e da rainha Draga no próprio quarto do casal no palácio.

A influência da Mão Negra permeava muitas instituições sérvias, entre elas, notavelmente, o exército. Pašić, homem de 69 anos e aparência venerável, de cabelo e barba brancos, era um inveterado inimigo de Ápis, cujos cúmplices chegaram a aventar a possibilidade de matá-lo em 1913. O primeiro-ministro e seus colegas viam o coronel como ameaça à estabilidade e até mesmo à existência do país; o ministro do Interior, Milan Protić, referiu-se à Mão Negra em conversa com um visitante em 14 de junho como “uma ameaça à democracia”.³ Mas, numa sociedade dividida por interesses conflitantes, o governo civil não tinha autoridade para remover ou prender Ápis, que contava com a proteção apadrinhada do chefe do estado-maior do Exército.

Além de armas, bombas e cápsulas de cianureto para suicídio, não há provas concretas sobre apoio ou instruções que Princip e seus camaradas teriam recebido em Belgrado. Os assassinos negaram até o túmulo cumplicidade oficial sérvia. Parece extremamente provável que a Mão Negra tenha instigado e instruído os Jovens Bósnios para assassinar o arquiduque; mas tudo que se sabe ao certo é que seus agentes lhe forneceram meios para cometer atos terroristas em território dos Habsburgos. Princip praticou tiros de pistola num parque de Belgrado; depois, em 27 de maio, participou de um jantar de despedida com os outros dois conspiradores, Trifko Grabež e Nedeljko Čabrinović, antes de partirem para uma viagem de oito dias a Sarajevo. Parte do trajeto de Princip e Grabež foi feita a pé, em campo aberto, com a ajuda de um oficial de fronteira instruído pela Mão Negra. Mas, se for verdade que Ápis estava totalmente envolvido com a trama assassina, surpreende o fato de que o assassino em potencial precisasse penhorar o sobretudo por alguns dinares pouco antes de partir de Belgrado, a fim de pagar suas despesas.

Quem mais sabia o quê? O embaixador da Rússia em Belgrado era um pan-eslavista fanático e amigo do Mão Negra Nikolai Hartwig; é possível que estivesse envolvido no complô. Mas alegações de que São Petersburgo sabia do assassinato de antemão não contam com o respaldo de um fiapo sequer de prova e são difíceis de aceitar. O governo russo era decididamente hostil à Áustria-Hungria, que perseguia suas minorias eslavas, mas o czar e seus ministros não tinham motivos plausíveis para querer Franz Ferdinand morto.

O camponês bósnio que levou Princip e Grabež de volta ao território dos Habsburgos — o outro parceiro, Čabrinović, viajou separadamente — era um

informante do governo sérvio que transmitia informações sobre seus movimentos, e sobre as bombas e pistolas que levavam na bagagem, para o Ministério do Interior em Belgrado. Seu relatório, que o primeiro-ministro leu e resumiu de próprio punho, não fazia menção a um complô contra Franz Ferdinand. Pašić encomendou uma investigação e deu ordem para que o movimento de armas da Sérvia para a Bósnia fosse interrompido; mas não passou disso. Um ministro sérvio diria depois que Pašić informou ao gabinete, no fim de maio ou começo de junho, que alguns assassinos estavam a caminho de Sarajevo para matar Franz Ferdinand. Fosse isso verdade ou não — as reuniões de gabinete não eram registradas em atas —, Pašić parece ter instruído o representante da Sérvia em Viena a transmitir às autoridades austríacas apenas um vago alerta geral, talvez por não querer dar aos Habsburgos um novo e extremamente sério motivo de queixa contra seu país.

Os sérvios desempenharam à margem do império dos Habsburgos um pouco do mesmo papel violento das facções irlandesas nos assuntos da Grã-Bretanha em vários períodos do século XX, embora estes últimos tenham se mostrado mais resilientes. A crônica brutalidade com as próprias minorias, especialmente muçulmanas, era má propaganda para esse Estado. Alguns historiadores acham que seus governantes estavam tão envolvidos com o terrorismo, e de forma tão explícita na conspiração contra Franz Ferdinand, que o país deveria ser considerado um Estado delinquente. Vale repetir que essa opinião se baseia em provas circunstanciais e em conjeturas. Levando em conta a hostilidade entre Ápis e Pašić, é improvável que os dois forjassem uma frente comum para incluir a morte do arquiduque.

Mesmo sem aviso prévio de Belgrado, as autoridades austríacas tinham fortes razões para prever violentos protestos ou algum tipo de atentado contra a vida de Franz Ferdinand, que reconhecia plenamente o perigo. Partindo de sua propriedade em Chlumetz, em 23 de junho, ele e a mulher tiveram de começar a viagem à Bósnia num compartimento de primeira classe do expresso de Viena, porque os eixos de seu automóvel estavam superaquecendo. A respeito desse incidente, o arquiduque comentou, de mau humor: “Nossa viagem começa com um presságio extremamente promissor. Aqui nosso carro queima, e lá eles vão nos atirar bombas.” A era pré-1914 foi caracterizada por endêmicos atos de terrorismo, especialmente nos Bálcãs, tema de desdenhoso humor britânico: uma caricatura na revista *Punch* mostrava um anarquista perguntando a outro: “Que horas são aí em sua bomba?” Saki escreveu um conto de humor negro sobre um escândalo: “The Easter Egg”. Tanto Joseph Conrad como Henry James escreveram romances sobre terroristas.

Para os Habsburgos, isso tudo era lugar-comum. A mulher de Franz Joseph, a imperatriz Elizabeth, dele distanciada, fora morta a punhaladas por

um anarquista italiano ao embarcar num vapor em Genebra, em 1898. Dez anos depois, em Lemberg, um estudante ucraniano de vinte anos assassinou o governador da Galícia, o conde Potocki, gritando: “Toma este castigo por nossos sofrimentos.” O juiz, durante o julgamento de um croata que assassinara outro nobre Habsburgo, perguntou ao terrorista, nascido em Wisconsin, se achava correto matar pessoas. O homem respondeu: “Neste caso, sim. É a opinião geral nos Estados Unidos, e atrás de mim estão quinhentos mil croatas americanos. Não sou o último deles (...) Essas ações contra a vida de dignitários são a única arma que temos.” Em 3 de junho de 1908, Bogdan Žerajić, um jovem bósnio, tentou matar o imperador em Mostar, mas no último momento se apiedou. Em vez disso, foi até Sarajevo, fez vários disparos contra o general Marijan Varešanin, e depois — supondo erroneamente que o matara — usou a última bala para se suicidar. Alegou-se posteriormente, embora jamais tenha sido provado, que a Mão Negra tinha fornecido o revólver. A polícia austríaca decepou a cabeça do terrorista para preservá-la em seu Museu do Crime.

Em junho de 1912, um estudante atirou contra o governador da Croácia em Zagreb, errando o alvo, mas ferindo um funcionário do governo imperial. Em março de 1914, o vigário-geral da Transilvânia foi morto por uma bomba-relógio enviada pelo correio por romenos. Apesar disso, Franz Ferdinand era capaz de ver o lado engraçado da ameaça: certo dia, enquanto assistia a manobras militares, seus assessores entraram em pânico quando uma figura descabelada saltou de uma moita segurando um objeto negro. O arquiduque deu uma gargalhada: “Deixem-no disparar contra mim. É o seu ofício. Ele é o fotógrafo da corte. Deixem o homem ganhar a vida!”

Porém, não havia nada de cômico a respeito da óbvia ameaça na Bósnia. A política austríaca tinha descoberto e frustrado várias conspirações anteriores. Sabia-se que Gavrilo Princip estava associado a “atividades contra o Estado”. Mas, quando ele se registrou em Sarajevo como novo visitante, nada foi feito para monitorar suas atividades. O general Oskar Potiorek, governador da Bósnia, era responsável pela segurança da visita real. O chefe do seu departamento político avisou-o da ameaça representada pelos Jovens Bósnios, mas Potiorek zombou dele “por ter medo de crianças”. Comentou-se depois que os funcionários investiram mais energia em discutir cardápios para o jantar e a temperatura certa para servir os vinhos do que na segurança do convidado de honra. Foi a negligência oficial que deu a Princip e seus amigos a oportunidade que eles buscavam.

No começo da noite de 27 de junho, embora sua chegada a Sarajevo só estivesse programada para o dia seguinte, Franz Ferdinand e Sophie, cedendo a um impulso de momento, entraram na cidade, uma exótica comunidade

semioriental de cerca de 42 mil pessoas, para visitar lojas de artesanato, incluindo uma de tapetes, sempre observados por uma multidão, da qual Princip fazia parte. O casal se divertiu muito. Na estância hidromineral de Ilidže, ainda naquela noite, o dr. Josip Sunarić, destacado membro do Parlamento bósnio que insistira no cancelamento da visita, foi apresentado à duquesa. Ela o repreendeu dizendo: “Meu caro dr. Sunarić, o senhor estava errado. As coisas nem sempre saem como a gente supõe. Por onde andamos, todo mundo, até o último sérvio, nos recebeu com tanta amizade, com tanta polidez e com um entusiasmo tão verdadeiro que estamos muito felizes com a visita.” Sunarić respondeu: “Alteza, rezo a Deus que, quando tiver a honra de voltar a encontrá-los amanhã à noite, Vossa Alteza possa repetir essas palavras. Para mim, será um grande alívio.”⁴

Naquela noite, um banquete foi oferecido ao arquiduque no hotel Bosna, em Ilidže: o cardápio incluía *potage régence*, *soufflés délicieux*, *blanquette de truite à la gelée*, frango, carneiro, carne bovina, *crème aux ananas en surprise*, queijo, sorvete e bombons. Os convidados beberam vinhos Madeira, Tokay e Zilavka bósnio. Na manhã seguinte, antes de partir para Sarajevo, Franz Ferdinand enviou um telegrama ao filho mais velho, Max, cumprimentando-o pelos resultados nas provas da Academia Schotten. Ele e Sophie adoravam os filhos: sua maior felicidade era brincar com eles na sala de brinquedos de Konopiště. Aquele era o décimo quarto aniversário de casamento do casal, e também uma data impregnada de doloroso significado para os sérvios — o aniversário da derrota de 1389 frente aos otomanos em Kosovo.

O arquiduque vestia o uniforme de general da cavalaria — túnica azul-celeste, gola dourada com três estrelas prateadas, calças pretas com tira vermelha e um capacete com penas verdes de pavão. Sophie, figura imponente, de seios fartos, usava um chapéu branco de abas largas ricamente enfeitado e com véu, um longo vestido branco de seda com rosas vermelhas e brancas de tecido enfiadas num cinto vermelho e uma estola de arminho nos ombros. No fim da manhã do dia 28, cumprindo a programação divulgada, a caravana de automóveis arquiducal deixou a estação de Sarajevo. Sete assassinos dos Jovens Bósnios se posicionaram para cobrir as três pontes, por uma das quais Franz Ferdinand com certeza passaria.

Os automóveis reais passaram pelo que o arcebispo católico chamaria de “uma avenida regular de assassinos”. Pouco antes de fazer a primeira parada prevista, uma bomba atirada por Nedeljko Čabrinović, um tipógrafo, atingiu o carro de Franz Ferdinand, mas bateu no capô dobrado e caiu no chão antes de explodir, ferindo duas pessoas da comitiva. Čabrinović foi preso e levado embora, depois de uma tentativa não muito convincente de se matar. Declarou com orgulho: “Sou um herói sérvio.” A maioria dos outros conspiradores

não conseguiu usar suas armas, dando, mais tarde, variadas desculpas para a falta de coragem. O arquiduque seguiu para a prefeitura, onde demonstrou compreensível exasperação por ter de ouvir pacientemente um discurso de boas-vindas. Quando o grupo voltava para seus veículos, Franz Ferdinand disse que gostaria de visitar os oficiais feridos pela bomba de Čabrinović. Na entrada da rua Franz Joseph, o general Potiorek, no banco da frente do carro do arquiduque, esbravejou: o motorista errara o caminho. O carro parou. Não tinha marcha à ré, então precisou ser empurrado até o cais Appel, bem ao lado de onde estava Princip.

O jovem sacou e ergueu a pistola e fez dois disparos. Outro conspirador, Mihajlo Pucará, chutou um detetive que vira o que se passava e tentara intervir. Sophie e Franz Ferdinand foram atingidos de uma distância de poucos metros. Ela caiu imediatamente, morta, enquanto ele murmurava: “Sophie, Sophie, não morra, fique viva, pelo bem de nossos filhos.” Foram suas últimas palavras: morreu logo depois das onze da manhã. Princip foi agarrado pela multidão. Pucará, jovem de notável beleza, que rejeitara a oferta de um papel no Teatro Nacional de Belgrado em favor da carreira de terrorista, atracou-se com um oficial que tentava atingir Princip com um sabre. Outro jovem, Ferdinand Behr, também fez o que pôde para impedir que o assassino fosse punido no ato.

O complô para matar o arquiduque foi de um amadorismo absurdo e só teve êxito porque as autoridades austríacas não tomaram as precauções mais elementares num ambiente hostil. Isso, por sua vez, levanta outra pergunta: o assassinato resultou, de fato, do grande empenho de Ápis, o arquiconspirador, ou não passou de um esbarrão, anárquico e quase fortuito, na autoridade dos Habsburgos? Não é possível dar uma resposta definitiva, mas, ao ver Princip pela primeira vez, o juiz responsável pela investigação no tribunal da comarca de Sarajevo, Leo Pfeffer, pensou que era “difícil imaginar que um indivíduo de aparência tão frágil pudesse ter cometido uma ação tão grave”. O jovem assassino esforçou-se para explicar que não tencionara executar a duquesa junto com o arquiduque: “Uma bala não vai exatamente para onde a gente quer.” A rigor, é espantoso que, mesmo à queima-roupa, a pistola de Princip tenha matado duas pessoas com dois tiros — ferimentos de pistola com frequência não são fatais.

Nas primeiras 48 horas depois do assassinato, mais de duzentos líderes sérvios foram presos na Bósnia e levados para fazer companhia a Princip e Čabrinović na prisão militar. Vários camponeses foram enforcados de imediato. Em poucos dias, todos os conspiradores estavam na cadeia, exceto um carpinteiro muçulmano, Mehmed Mehmedbašić, que fugira para Montenegro. Pelo fim de julho, cinco mil sérvios tinham sido presos, dos quais cerca

de 150 foram enforcados subsequentemente ao se iniciarem as hostilidades militares. Forças auxiliares da milícia austríaca Schutzkorps vingaram-se de forma sumária de muitos outros muçulmanos e croatas. No julgamento, que começou em outubro, Princip, Čabrinović e Grabež foram condenados a vinte anos de prisão — por serem menores de idade, livraram-se da pena de morte. Três outros receberam penas de prisão, cinco foram enforcados em 3 de fevereiro de 1915, e mais quatro cúmplices receberam penas de três anos a prisão perpétua. Nove dos acusados foram soltos, incluindo alguns camponeses que Princip disse ter obrigado a ajudá-lo.

A notícia da morte do arquiduque e de sua mulher espalhou-se por todo o império naquele dia e, em seguida, por toda a Europa. No campo de aviação de Aspern, em Viena, a banda tocava uma nova música, “A marcha dos aviadores”, durante um show aéreo, quando às três da tarde a programação foi interrompida abruptamente pela notícia vinda de Sarajevo. O imperador Franz Joseph estava em Ischl quando seu ajudante-geral, Graf von Paar, lhe deu a notícia dos assassinatos. Ele ouviu sem demonstrar emoção, mas decidiu jantar sozinho.⁵

O cáiser tinha ido assistir à regata de Kiel. Uma lancha aproximou-se do iate real, e Wilhelm acenou para que fosse embora. Mas ela encostou, carregando a bordo Georg von Müller, chefe do gabinete naval do cáiser. O almirante colocou um bilhete em sua cigarreira e jogou-a no convés do *Hohenzollern*, onde um marinheiro a recolheu e levou para o imperador. Wilhelm pegou a cigarreira, leu a mensagem, empalideceu e murmurou: “Tudo vai ter que começar de novo!” O cáiser era um dos poucos homens na Europa que gostavam, pessoalmente, de Franz Ferdinand; investira muito capital emocional em suas relações e ficou genuinamente triste com o ocorrido. Deu ordens para que deixassem a regata. O contra-almirante Albert Hopman, chefe do estado-maior central do Departamento Naval alemão, também estava em Kiel e tinha acabado de sair de uma lancha em que o embaixador britânico fora um dos convidados quando ouviu que Franz Ferdinand tinha “morrido de repente”. Ao anoitecer, já informado das circunstâncias exatas, escreveu a respeito de “um horrível ato cujas consequências políticas são incalculáveis”.⁶

Mas a Europa em geral recebeu a notícia com calma, porque atos de terrorismo eram muito comuns. Em São Petersburgo, amigos russos do correspondente britânico Arthur Ransome fizeram pouco-caso do assassinato, qualificando-o de “ato característico da selvageria balcânica”,⁷ como o fez a maioria dos londrinos. Em Paris, outro jornalista, Raymond Recouly, do *Le Figaro*, registrou a opinião geral de que “a crise em andamento logo será reduzida à categoria dessas querelas balcânicas, que se repetiam a cada quinze ou vinte anos e eram resolvidas pelos próprios povos balcânicos sem que ne-

nhuma das grandes potências precisasse entrar na briga”. O presidente Raymond Poincaré fora às corridas de Longchamps, onde as notícias dos tiros em Sarajevo não o impediram de assistir com prazer à disputa pelo Grande Prêmio. Dois dias depois, numa escola prussiana, Elfriede Kuhr, de doze anos, e suas colegas viram as fotografias do assassino e da vítima no jornal. “Princip é mais bonitinho do que esse balofo do Franz Ferdinand”⁸ comentou ela, em tom de provocação, embora suas colegas lamentassem sua irreverência.

Os funerais do arquiduque, no sufocante calor da Hofburgpfarrkirch, duraram apenas quinze minutos, depois dos quais Franz Joseph retomou seu tratamento em Ischl. O velho imperador não se dignou a fingir que sentia muito pela morte do sobrinho, embora tenha ficado furioso com a maneira como ele morrera. A maioria dos súditos compartilhava o mesmo sentimento, ou a falta deste. Em 29 de junho, em Viena, o professor Josef Redlich anotou em seu diário: “Não há sentimento de luto na cidade. Música continua sendo tocada em todo canto.”⁹ O *Times* de Londres noticiou o funeral em 1º de julho em termos tão comedidos que chegava a dar sono. O correspondente em Viena afirmou que, “no que diz respeito à imprensa, há uma notável falta de disposição para cobrar vingança contra os sérvios da Monarquia como um todo pelas maldades daquilo que se acredita ser uma pequena minoria (...) Com relação à Sérvia, também as declarações da imprensa são, em geral, notavelmente comedidas”.

Observadores estrangeiros manifestaram surpresa com a superficialidade e a evidente insinceridade do luto vienense pelo herdeiro do trono imperial. Foi, portanto, irônico que o governo dos Habsburgos não hesitasse em explorar os assassinatos como pretexto para invadir a Sérvia, ainda que ao custo de provocar uma colisão armada contra a Rússia. E Princip tinha matado o único homem no império disposto a evitar que isso acontecesse.

“*Catástrofe* é magnífico e impressionante. Max Hastings domina com maestria a complexa trama de eventos que levaram ao começo da Primeira Guerra Mundial e os primeiros meses do conflito.”

THE TELEGRAPH

“Hastings escreve com invejável ritmo e equilíbrio e uma perspicácia notável em relação ao fator humano da guerra. Mesmo para quem não conhece a diferença entre um batalhão e uma divisão, este livro é comovedor, provocativo e envolvente.”

THE SUNDAY TIMES

“Com talento e habilidade, Max Hastings oferece um excelente relato dos primeiros meses da guerra, uma narrativa agradável que representa a última palavra no assunto da Primeira Guerra Mundial.”

THE NEW YORK TIMES BOOK REVIEW

“Como um guia magistral, Hastings nos conduz por aquele estranho período em que a Europa imergiu na escuridão da Primeira Guerra. Com sua prosa rica de ironia e marcada por uma indignação moral ardorosa, *Catástrofe* é o que há de melhor em obras de história. Rigoroso e fluente, este livro é uma excelente referência para quem deseja entender as causas daquele terrível conflito.”

THE TIMES

ISBN 978-85-8057-505-7



9 788580 575057

www.intrinseca.com.br

